

SELEÇÃO E USO DE LEXEMAS NA PERSPECTIVA DA GEOLINGÜÍSTICA

Roseli da SILVEIRA ¹

RESUMO

Neste trabalho, o foco é o registro da norma lexical do litoral sul do estado de São Paulo, notadamente do município de Iguape. O recorte de alguns lexemas, que se espera que sujeitos previamente selecionados dêem em resposta a questões do questionário semântico-lexical (QSL) do Projeto do Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB) constituirão o *corpus* de nosso estudo. Dentre as várias questões, distribuídas em áreas semânticas, escolhemos aquelas que oferecem margem a uma análise semântico-lexical na perspectiva de Pottier (1978) e Rastier (1987). Esperamos que, ao decodificar a pergunta/codificar sua resposta, o sujeito revele a real situação do estado de língua de sua região. Temos que esclarecer que não se trata de significados de língua, mas sim de sentidos, de variantes de significados na fala. O dicionário parece ter sido o ponto de partida para a elaboração da pergunta e, dados os semas em comum, o ponto de chegada e registro do uso lingüístico. Por fim, uma vez que notamos que muitas entradas têm variantes que não apresentam marcas diatópicas, resta esperar que os atlas lingüísticos, e as pesquisas de modo geral da Geolingüística, tragam sua contribuição para os dicionários de língua geral, de modo a colaborar no aprimoramento dos dicionários, ampliando o campo das informações.

PALAVRAS-CHAVE: lexema; norma lexical; atlas lingüístico; variantes; uso lingüístico.

Introdução

Os atos lingüísticos, enquanto atos de comunicação, são acima de tudo escolha, seleção. Tendo em vista a condição essencial da linguagem, que é a comunicação, esses atos pautam-se pela re-criação nos moldes de uma “língua anterior”, sistema estabelecido na

¹ - SILVEIRA, Roseli. USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Lingüística, Rua Visconde do Rio Branco, 250, apto. 41, São Vicente, São Paulo, Brasil. 11320-901. Endereço eletrônico: roselisilv@usp.br.

própria comunidade sobre a base dos atos lingüísticos precedentes ao ato com o qual nos deparamos: o sistema que oferece os modelos para esse mesmo ato e/ou é ponto de referência em relação a uma inovação. Quer dizer, o falante utiliza, para a expressão de suas percepções inéditas, a repetição de modelos normais e já tradicionais na comunidade, e que constituem a norma. Assim sendo, no universo significativo em que vivemos, cada comunidade escolhe, a cada época, certas significações e exclui outras. Segundo Greimas e Courtés (1979: 253), os lexemas, enquanto configuração que reúne, de modo mais ou menos acidental, diferentes sememas, apresenta-se antes como o produto da história ou do uso, que como o da estrutura.

Na perspectiva da Geolingüística, a seleção e uso de lexemas pelo conjunto de seus semas (sememas), pode caracterizar uma visão de mundo peculiar, relacionada à ocupação do espaço físico e ligada à história sócio-econômico-cultural da comunidade. E nesse sentido os atlas lingüísticos funcionam muito bem como “instantâneos” que captam o uso de uma língua numa determinada época e lugar. É isso que pretendemos mostrar neste trabalho: que a norma compartilhada por uma comunidade lingüística reflete-se no léxico e varia, de época em época, de acordo com condicionantes que vão ampliar ou reduzir o espectro dos semas dos lexemas selecionados. Focando esses objetivos, tencionamos esboçar uma análise semântico-lexical, baseada em Pottier (1978) e Rastier (1987), das respostas à questão nº 105 do Questionário Semântico-Lexical (QSL), aplicado a sujeitos naturais de e moradores em Iguape, litoral sul do Estado de São Paulo. E fazer comparações com respostas encontradas no Atlas Lingüístico do Paraná (ALPR).

Pressupostos teóricos

Para abordar aspectos semântico-lexicais das respostas dadas, teremos que começar pelo conceito de léxico,

Em Vilela (1979), o léxico, entendido como competência lexical, representa um sistema de possibilidades, no locutor/ouvinte ideal, que abrange as palavras reais pautadas pela norma e ainda as palavras possíveis (com base nas regras de formação). O lexema, unidade lingüística do léxico de uma língua natural, é o elemento da língua, a forma básica, que fundamenta as possíveis formas do discurso e todos os possíveis significados da palavra (em sentido corrente). Continuando com Vilela (1979), vemos que o léxico como representante da linguagem é o conjunto das unidades léxicas (as unidades que correspondem à representação da realidade extralingüística) ou a totalidade das palavras lexicais (lexemas).

Para Greimas, lexema “é um modelo virtual, englobando o funcionamento total duma figura de significação recoberta por um significante, modelo esse que é anterior à manifestação no discurso”. Como em Pottier, é complementar a noção de semema, um dos possíveis “efeitos de sentido” contidos virtualmente no lexema e realizados no discurso. Ou seja, realizam-se no plano da “parole”, mas são valores virtuais da “langue”. Para Pottier (1978), o ponto de partida é o semema, entendido como conjunto de traços semânticos pertinentes ou os semas que entram na definição de substância do lexema; o lexema é a manifestação lexical de um semema. A unidade de significação, assim delimitada, é composta de três subconjuntos sêmicos: o classema (os semas genéricos), o semantema (os semas específicos) e os virtuememas (os semas conotativos).

Quanto aos semas, usaremos a classificação de Rastier (1987), que distingue dois tipos de semas: (i) inerentes, que são os traços específicos, recorrentes, que resumem relações

reflexivas no seio de classes semânticas e (ii) aferentes, que resumem relações não reflexivas entre classes, e podem ser produzidos por uma inferência (que traduz uma expectativa socializada).

Resumindo, o percurso que vai empreender o lexema desde o momento de sua semiose, quando da junção do formante com o núcleo sêmico que ele recobre, passa pela sua realização sintagmática e conseqüente inserção no enunciado, de onde ele recolhe os semas contextuais que lhe possibilitam constituir-se em semema, prepara o caminho para a manifestação da significação. Nesse processo, pode ocorrer a atualização de semas subjacentes que venham agregar-se aos já existentes, ampliando, reduzindo ou provocando desvios eufóricos/disfóricos no inventário dos semas.

Esse percurso nem sempre linear do lexema até sua manifestação no discurso, traduz-se, na pesquisa da fala de comunidades lingüísticas, em variantes às vezes inusitadas.

Método e procedimentos

O método geolingüístico prevê a recolha *in loco* do falar concreto dos habitantes de uma localidade e documenta, através de cartogramas, a realidade dos usos que se verificam. Em termos quantitativos, o método procura registrar a freqüência e a distribuição das realizações dos falantes no espaço físico. E pode contar com a contribuição da Sociolingüística, controlando as variáveis sociais de sexo/gênero, escolaridade e faixa etária. Em termos qualitativos, cabe uma interpretação dos números alcançados e a análise de aspectos semântico-lexicais da norma local.

Como já dissemos, vamos fazer um recorte do *corpus* com o qual trabalhamos: o registro das respostas de habitantes de Iguape, litoral sul do Estado de São Paulo, submetidos ao QSL. São 9 sujeitos de ambos os sexos/gêneros, de duas faixas etárias _ 18-30 anos e 66 anos em diante.

Selecionamos a questão nº 105 do QSL do Projeto do Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB), elaborado pelo Comitê Nacional do Projeto, da área semântica Corpo Humano, assim formulada: “(Como se chama) esta parte alta do pescoço do homem? *Apontar*.” A resposta provável além de gogó é pomo-de-adão.

Para buscar a explicação de variantes que foram usadas como resposta a essa pergunta, recorreremos a vários dicionários de língua, procurando na definição da *lexia** o núcleo sêmico ou os *semas* que justificam sua seleção e uso. E aproveitamos para verificar se o dicionário contempla a variante encontrada e se registra sua marca diatópica, já que a própria questão partiu do dicionário para sua formulação.

* (Pottier escolheu o termo *lexia* para designar as unidades do conteúdo que têm dimensões variáveis, indo de simples *lexemas* (“cão”) aos *sintagmas fixos* (“pé-de-moleque”), e para tentar assim substituir o termo *palavra*, ao qual parece impossível se dar uma definição suficientemente geral)

Para tal empreitada fizemos uma leitura atenta do artigo *Proposta de análise das designações de estrela cadente em atlas lingüísticos brasileiros*, de Santos, e usamos também dados do Atlas Lingüístico do Paraná.

Análise dos dados

A tabela a seguir reúne as respostas à questão nº105:

Tabela 1. Seleção e uso de lexemas por sexo/gênero x faixa etária

Nº de SUJEITOS	SEXO/ GÊNERO	OCORRÊNCIA	FAIXA ETÁRIA
04	MULHERES	Pomo-de-adão / gogó	18-30
		Gogó / fruta do pecado	66 ou +
05	HOMENS	Gogó / gogó / gogó	18-30
		Gago / esqueci	66 ou +

O lexema mais empregado é gogó, com 55,5% de frequência relativa e 5 de frequência absoluta, num universo de 9 ocorrências. Fomos pesquisar no dicionário eletrônico de Ferreira, e encontramos: “gogó - [alteração de goela] s.m. brasileirismo familiar 1 v. pomo-de-adão”. Pomo-de-adão, remissiva de gogó, é assim definida em Ferreira (1995): “ s.m. A saliência da cartilagem tireóide. [Tb. Se diz apenas adão; sin. nó-de-adão, nó da garganta, nó da goela, gogó. Pl. pomos-de-adão.] No dicionário eletrônico do mesmo autor, além dessa definição, ele incluiu “maçã de adão”.

No dicionário eletrônico Houaiss, encontramos:

Gogó_ s.m. regionalismo: Brasil 1 mesmo que pomo-de-adão 2 proposta ou promessa que não se tem intenção de cumprir 3 indivíduo arrotador, alardeador. Pesquisando a remissiva pomo-de-adão: “proeminência laríngea rubr. anatom. ger. V. proeminência laríngea.”

No dicionário de Borba (2002, p.682) encontramos:

Gogó go-gó (Or duv) Sm (Coloq) [Co] 1 saliência da cartilagem tireóide, no pescoço; pomo-de-adão: (ex.) 2 pescoço: (ex.) 3 órgão produtor da voz; garganta: (ex.) 4 fala envolvente; lábia: (ex.). Em pomo-de-adão, p. 1092: “Sm proeminência laríngea; parte superior da cartilagem tireóidea, mais acentuada nos homens; gogó.” (segue exemplo)

Em Bueno (1974), encontramos a forma gogô, assim definida: “s.m. O mesmo que pescoço, ou melhor, o mesmo que o pomo de Adão do pescoço. Origem onomatopaica, ruído de engolir um líquido: go-gô e também glo-glô, bem como glu-glu, gute-gute.

Recolhemos todas essas informações a respeito dos lexemas gogó e pomo-de-adão para tentar chegar à explicação da forma “fruta do pecado”, não lexicalizada nos dicionários. Então separamos os semas inerentes, por definição denotativos, distintivos, definitórios e universais, provenientes do sistema funcional da língua, dos semas aferentes, conotativos, não distintivos, não definitórios e não universais, e que remetem a normas socializadas.

Tabela 2. Sememas de gogó

--	--

SEMAS INERENTES	SEMAS AFERENTES
<ul style="list-style-type: none"> • Pescoço • Ruído de engolir um líquido • Saliência da cartilagem tireóidea no pescoço • Órgão produtor da voz • Garganta 	<ul style="list-style-type: none"> • Pomo-de-adão do pescoço • Fala envolvente, lábia • proposta ou promessa que não se tem intenção de cumprir • indivíduo arrotador, alardeador

Tabela 3. Sememas de pomo-de-adão

SEMAS INERENTES	SEMAS AFERENTES
<ul style="list-style-type: none"> • Saliência da cartilagem tireóide • Proeminência laríngea • Parte superior da tireóide • Mais acentuada nos homens • Gogó 	<ul style="list-style-type: none"> • Adão • Nó de adão • Nó da garganta • Nó da goela • Maçã de adão

Pelo inventário dos semas, vemos que o traço /mais acentuada nos homens/ distingue os dois lexemas. Em ‘gogó’, opera-se uma atualização seletiva de traços, neutralizando o traço /sexo/ e sobressaindo o sema aferente /pomo-de-adão do pescoço/ A lexia ‘pomo-de-adão’ consta do dicionário e nos interessam os seus semas: pomo-de-adão, ou só Adão, nó de adão e maçã de adão. Eles remetem a normas socializadas na região e se tornam produtivos a ponto de criar a variante não lexicalizada ‘fruta do pecado’, encontrada em nossa pesquisa em Iguape e, também, no PR. Reproduzimos algumas falas de sujeitos entrevistados, que constam do Atlas Lingüístico do Paraná:

A _ “(...) eles fala que é a fruta do pecado, né. Adão (en)guliu e parô aqui”.

B _ “eis fala que só home tem por caso da fruta do Adão”.

C _ “é a fruitinha do pecado, né”.

D _ “é fruto do pecado”.

E _ “Adão”. Referiu-se a seguir à história bíblica, completando: “diz que é o pecado, né”.

Os sujeitos entrevistados referem exatamente a relação da ‘saliência do pescoço dos homens’ com o “pomo proibido, o fruto que, segundo a Bíblia, Deus proibiu a Adão, identificado com a maçã.”(Larousse Cultural). Acreditamos que o desvio disfórico relacionado a pecado já se encontra na metáfora ‘pomo-de-adão’, que faz parte da crença do pecado original: por castigo Deus *marcou* os homens com o ‘nó da garganta’. Os semas aferentes que subjazem ao processo são evocados por inferência e atualizados na forma ‘fruta do pecado’, mantendo a isotopia.

Assim, temos:

Pomo : fruta :: Adão : pecado

E o que subjaz ao processo codificação/decodificação do mundo fenomenológico, neste caso, é um traço cultural da região estudada, a religiosidade.

O povo caiçara é, por natureza, religioso, deixando transparecer essa característica nas festividades religiosas, herança deixada pelos colonizadores portugueses. A maior festa religiosa do Litoral Sul de São Paulo acontece em Iguape: é a Festa do Senhor Bom Jesus de Iguape.

Considerações finais

Neste trabalho, tentamos um esboço de análise de aspectos semântico-lexicais a partir do uso e seleção de lexemas, face a respostas que obtivemos quanto à questão nº105 do QSL, aplicado a sujeitos do município de Iguape/SP.

Observando os sememas das respostas mais frequentes em dicionários de língua geral e em falas de sujeitos, recolhidas no ALPR, pudemos perceber os mecanismos de ampliação, seleção, neutralização ou desvio de traços, que se opera no interior do lexema, atualizando um dos sememas, enquanto outros, virtuais, podem fazer outros percursos possíveis. Rastier (1987), em seu livro, inclui a seguinte citação: “Tutescu estima que Todorov tinha razão em falar de semas referenciais quando ele escrevia: ‘A menor mudança na realidade extralingüística nos obriga a modificar o inventário dos semas’.”(1966, p.15). Dentre vários fatores que podem condicionar essa oscilação, está a cultura de um povo, suas crenças, valores e visão de mundo, que a norma compartilhada pela comunidade reflete.

Referências bibliográficas

AGUILERA, V. de A. *Atlas lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 1994.

BORBA, F. da S. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

BUENO, S. *Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Brasília Ltda, 1974.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas lingüístico do Brasil: questionário 2001*. Londrina: UEL, 2001.

FERREIRA, A. B. de H. *Dicionário da língua portuguesa*. Folha de São Paulo, 1995.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

LAROUSSE CULTURAL. *Grande dicionário Larousse Cultural*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

POTTIER, B. *Lingüística geral: teoria e descrição*. Tradução Walmírio Macedo. Rio de Janeiro: Presença: Universidade Santa Úrsula, 1978.

RASTIER, F. *Sémantique interpretative*. Paris: Presses Universitaires de France, 1987.

SANTOS, I. P. dos. *Proposta de análise das designações de estrela cadente em atlas lingüísticos brasileiros*, 2006.

VILELA, M. *Estruturas Léxicas do Português*. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.